

Uma concepção dialógica e uma teoria do movimento humano¹

Andréas H. Trebels

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a indissociabilidade entre movimentar-se e perceber, e suas implicações para um conceito e uma Pedagogia dialógicos do movimento humano. Para tanto, apresenta algumas das perspectivas de autores que, de um ponto de vista da Biologia, rivalizam com as concepções de movimento da mecânica tradicional. Logo depois, debate as premissas e os desdobramentos de uma concepção dialógica para o movimento humano, considerando as contribuições da Fenomenologia e valorizando a mútua determinação entre as figurações relacionais e substanciais do movimento humano.

Palavras-chave: Movimento; Educação do movimento

Professor Emérito da Universidade de Hannover, Alemanha.
Doutor em Filosofia pela Universidade de Bonn.

Perspectiva. Florianópolis, v.21, n.01, p. 249-267, jan./jun.2003

1 Introdução

No campo das Ciências do Esporte encontramos a prevalência de uma perspectiva que compreende o movimento humano de forma estritamente objetivista e, sempre que possível, totalizadora. As análises do movimento vinculam-se ao paradigma empírico-analítico, remetendo-se a conceitos da Física e estruturando-se na relação de causa-efeito. A violência deste olhar disciplinar é tão grande que ele não apenas procura delimitar os movimentos esportivos, mas procura adequar-se, também a objetos mortos e inanimados. Com isso, a teoria do movimento nas Ciências do Esporte geralmente define o movimento como deslocamento de posição no tempo e no espaço que, por sua vez, são categorias também vistas mecanicamente. Isso garante, segundo o paradigma empírico-analítico, a objetividade e a cientificidade da abordagem.

Há muito tempo se discute se tal perspectiva coloca em primeiro plano uma ciência voltada para o humano. Dito de outra forma coloca-se em questão se por meio de uma abordagem das Ciências Naturais seria possível não apenas analisar, mas também esclarecer os comportamentos e expressões corporais humanas. Pergunta-se, portanto, sobre uma abordagem científica mais adequada para a compreensão do movimento humano.

Meu objetivo neste texto é trabalhar a questão dos conceitos e representações que podem ser desenvolvidos para uma melhor compreensão do movimento humano.

Vou trabalhar com pontos de vista da Biologia e da Fisiologia, mas também com aqueles que foram desenvolvidos pela Antropologia Médica, cujo pano de fundo é a Fenomenologia. Nos limites deste trabalho apresentarei e discutirei algumas das abordagens deste campo, especialmente aqueles ligados ao Círculo da *Gestalt* (Weizsäcker, Christian, Buytendijk) e os que se radicam mais especificamente na Fenomenologia francesa, como os holandeses Gordijn e Tamboer. Ficará claro que já nos anos quarenta do século passado se desenvolvera uma consciência da importância de uma *teoria do movimento humano*. Neste sentido poderemos observar que a concepção dialógica de movimento desenvolvida por Gordijn, foi re-trabalhada e mesmo re-direcionada por vários autores.

2 A diferenciação entre movimento e *movimentar-se*: sobre as possibilidades do sujeito na Biologia

Ao colocar para si uma série de questões sobre o trabalho psiquiátrico, a *Gestalt*, como ensina Weizsäcker (1968), retoma o problema do movimento humano. Em jogo está a relação entre movimento e percepção. Lembro, neste contexto, a proposta de Held (apud ENNENBACH, 1991), um seguidor de Weizsäcker, segundo o qual é importante diferenciar o ser que *é movimentado* daquele que *se movimenta*. Neste contexto, é fundamental considerar a intencionalidade pessoal: movimentar e perceber estão, de certa forma, ligados um ao outro; são simultaneamente os dois lados – mas também o mesmo lado – de uma moeda. As qualidades de nossa percepção e de nosso movimento não podem ser isoladas umas das outras.

Para Weizsäcker (1968, p. 1) não se pode negligenciar a diferença entre o que *está vivo* e o que *está morto* para uma análise do movimentar e do perceber humanos. Seu livro mais importante, *O círculo gestáltico: teoria da unidade entre percepção e movimento*, começa com a seguinte sentença: “Nós observamos aqui o movimento de uma criatura viva, não o de um corpo arbitrário ou imaginado nas suas relações com o tempo e o espaço, o que se constitui uma importante diferença”. (1986, p. 1). Daí a importância de se considerar, nos estudos da Biologia, a presença do sujeito.

O autor está ciente das dificuldades em compatibilizar suas reflexões com a ciência tradicional. Para isso delimita seu objeto de pesquisa em torno do *ato biológico*, uma realização biológica, do qual os fenômenos não são explicáveis por si mesmos, mas caracterizados por suas condições, seus limites.

Movimentar e perceber são atos biológicos que, por sua vez, delimitam e atualizam os cruzamentos entre organismo e o meio onde ele vive. Este *encontro*, como designa Weizsäcker (1968), pode ser visto como uma antecipação do conceito de *diálogo*, tal como Gordijn² posteriormente trouxe para o centro do debate.

Não é possível uma descrição de um ato biológico/orgânico que parta da premissa de uma divisão entre organismo e meio-ambiente. A tarefa se coloca em outro plano, o da compreensão dessa relação, que deve também ser promovida. Nossa pesquisa mostra que a percepção não pode ser entendida nem como orgânica, nem como inorgânica, mas que ela é um encontro singular entre Eu e meio ambiente, e que

ela, entrelaçada com o movimento, é apenas uma etapa desse encontro em direção a um fim que não está dado de antemão. (WEIZSÄCHER, 1968, p. 115)

Neste encontro, nossa percepção diferencia-se decisivamente de uma apreensão física do mundo

A Física coloca como premissa que ao conhecimento do Eu seria confrontado, como objeto do conhecimento, um mundo independente. Na Biologia, pelo contrário, temos que aprender que estamos em relação de dependência com o objeto percebido (...). Enquanto nas premissas da Física o objeto percebido deve permanecer independente do Eu e sem mudanças, na Biologia ele só pode ser concebido se temos com ele uma relação muito direta – sua existência independente não é pré-condicionada. (WEIZSÄCHER, 1968, p.168).

Na perspectiva aqui esboçada, encontro entre Eu e mundo deve delimitar-se de maneira diferente do que na Física, que formula suas leis como naturais, definindo-as pela causalidade³. A *coesão* entre o humano e o mundo demarca-se pela reação de *coincidência*, que delimita o contexto no qual, para Weizsäcker, coloca-se a primeira aplicação da Gestalt: a inter-relação entre organismo e meio ambiente. Esta relação de coincidência é mutuamente determinada, tanto pela *influência* quanto pelo *ser influenciado*. Perceber e movimentar são transitórios um em relação ao outro.

3 Movimento, adaptação e reconstrução mecânica segundo Paul Christian

Weizsäcker (1968.) destaca a importância de se esclarecer a diferença entre o *ato biológico* – o movimentar-se e a adaptação do movimento, de um lado – e a *determinação mecânica* – como condição de possibilidade, por outro.

Christian (apud BUYTENDIJK; CHRISTIAN; PLÜGGE, 1963) elucidou esta questão em seu famoso texto *Da consciência no fazer*: uma contribuição da psico-física sobre o movimento arbitrário (Vom Bewusstsein in Tun. Ein Beitrag zur Psychophysik der Willkürbewegung). Em um primeiro passo, Christian oferece uma descrição do processo de

adaptação: “A forma especial de movimento expressa-se primeiro pela confrontação com o meio ambiente, e ela não está dada, mas se constrói.” Para onde se orienta este movimento agradável e harmônico? Com se desenvolve, gradual e corretamente, este *fazer*? Christian procura esclarecer esta questão, orientando-se por uma consciência e uma sensibilidade de valores. Ele postula um fazer que de forma imanente acompanhe um *sentimento do fazer* verdadeiro.

Para movimentos simples, mas especialmente para aqueles realizados no trabalho manual, no jogo e no esporte de rendimento (...), este sentimento do valor próprio da ação se faz presente. O movimento coordenado e correto emerge por si mesmo com alto valor e originalidade. Não é possível decidir entre as diferentes formas de realização, e o sentimento do certo e do errado torna-se evidente, sem que outras formas de realização, de valores ou um conhecimento do sucesso se torne consciente. (CHRISTIAN, 1963, p. 23).

A gênese do próprio movimento não segue qualquer plano, não se dirige à (re)construção deste movimento, mas desenvolve-se de forma imediata a partir da confrontação com a situação. A única orientação é a do sentimento do movimento, tal como foi acima descrita.

Com isso, Christian (1963, p. 27) remete-se à Filosofia dos valores (Wertphilosophie) e a segue. Em nota de rodapé, ele refere-se explicitamente à posição de Scheler (1954) e sua *Ética materialista dos valores*: “De acordo com os valores experienciados, o fazer correto também representa o caráter da persistência do quadro anterior, de originalidade e de decisão.” Isso se baseia em uma experiência que não se objetiva no sentido clássico de entendimento, mas sim na perspectiva de um reconhecimento imediato.

Como esta experiência não se relaciona ao conhecimento enquanto tal, falta-lhe a dimensão inequívoca. Por conta disso, Christian (1963, p. 34) coloca um quadro específico que se apresenta como experiência correta e apropriada das formas de movimento:

Há um contexto no qual as diferentes formas do fazer são consideradas corretas. Este contexto, no qual um valor ainda pode mostrar-se como decisivo e correto, radica-se na obscuridade da consciência de valores. (...) Isso não significa que os valores prescrevem uma forma de movimento ideal. Daí desenvolve-se, pela segunda vez, a objeção

muito familiar, de que o movimento tecnicamente mais apropriado, claramente definido, coincidiria com a melhor realização.

Este é, se levado a cabo, um importante argumento para tornar mais claro por que nas Ciências do Esporte a harmonia individual do movimento torna-se suspeita. Movimentos esportivos bem sucedidos – geralmente os dos campeonatos mundiais, dos grandes atletas – não se desenvolvem de forma intuitiva, mas exigem o controle biomecânico, da reconstrução mecânica. Trata-se de uma compulsão à clareza, de uma recusa a qualquer inexatidão em favor do movimento adequado. Este ponto será retomado adiante.

No entendimento de Christian, trata-se de considerar que, frente à contingência, um movimento controlado é realizado, mas, no entanto, ao mesmo tempo, o que ganha legitimidade é a ação em si mesma: o movimento não nasce do conhecimento da mecânica do movimento, mas revela-se a si mesmo e as regras da mecânica se colocam em relação secundária em relação a ele. Neste sentido, dois planos de análise são diferenciados: 1) O plano do *fazer*, ou seja, como o movimento se desenvolve e se concretiza; 2) O plano *mecânico* e do conhecimento físico, no qual o movimento vivo (*lebendige Bewegung*) é reconstruído mecanicamente.

4 A inclusão do ator, da situação e do significado do movimento: a diferença entre processo e função na teoria do movimento humano (Buytendijk)

Em seu conhecido livro, *Teoria geral da postura e do movimento humanos (Allgemeine Theorie der menschlichen Haltung und Bewegung)*, Buytendijk (1956) ocupa-se da diferença entre o desenvolvimento de uma teoria do *deslocamento* e outra do *movimentar humano*. Coloca-se, então, o movimento como a *expressão do ser humano* e, da mesma forma, um *esclarecimento da expressão da vida*. A diferenciação que deve ser considerada refere-se à diferença entre a determinação mecânica de um fenômeno – como a queda de uma pedra ou o percurso balístico de uma esfera – e o movimento de organismos vivos, especialmente humanos. Observamos, então, fenômenos que podem ser determinados por causalidade e os comportamentos humanos, que são teleológicos e que dependem de um nexos finalista.

Esta diferenciação é discutida por Buytendijk (1956, p. 7) por meio dos conceitos de *processo* e *função*:

Na Física pesquisa-se processos, grupos de fenômenos em suas leis naturais, ocorrência e causalidade, conectados em um tempo determinado como uma série de acontecimentos isolados. Também as ciências técnicas relacionam-se com os processos, ainda que seu objeto esteja de antemão estruturado. O engenheiro descreve os eventos de uma máquina e pesquisa suas leis e princípios. Os movimentos de uma máquina são esclarecidos pelos processos.

Aqui se manifestam os limites do modelo causal-analítico: quando se procura explicar o movimento humano em relação às leis mecânicas, interpreta-se o corpo humano que se movimenta como uma máquina: os biomecânicos equiparam-se a engenheiros. Com isso torna-se irrelevante a diferença entre matéria morta e organismo vivo. O que acontece na prática, segundo König (1989), é a mortificação do organismo vivo. “Definimos função como uma totalidade imediata de transformações, significativamente ligada a algo para além delas.” (BUYTENDIJK, 1956, p. 7).

A relação causa-efeito no sentido do movimento-máquina se realiza – no que se refere aos efeitos – cegamente, quer dizer, sem orientação quanto aos fins. Quanto às funções, no entanto, há sempre uma forma de objetivação – na linguagem da Fenomenologia, uma relação intencional. Trata-se das adequações que não são trazidas de fora, mas que são intrínsecas ao organismo: auto-produção, auto-conservação e as ações que a elas são correspondentes. Weizsäcker (1968, p. 3) fala, nesse contexto, em atos biológicos:

Organismos têm ou efetuam movimentos não exatamente como tais, mas eles significam ou têm efeito sobre algo, que por sua vez não é apenas movimento (...) o ponto de vista físico não oferece qualquer conhecimento sobre a especificidade do movimento ou da postura humana.

Diferenciando-se do processo, que pergunta apenas sobre o *como*, coloca-se para os seres vivos também a pergunta sobre o *que* acontece na existência dos seres vivos. Nesse contexto ganham especial relevância três pontos: 1) a pergunta pelo ator do movimento – que Weizsäcker chama de sujeito do movimento; 2) a questão sobre o ambiente

(Situationsbezug) do movimento, que traz à tona a posição específica do ser vivente em relação ao mundo; 3) finalmente a pergunta sobre o significado do movimento, a objetivação do ator/sujeito e com ele o significado produzido/compreendido do movimento.

A capacidade humana de movimentar-se ganha então uma dimensão existencial, como forma singular e original de relação com o mundo, que pode ser designada na experiência de cada um. Com esta orientação fenomenológica da compreensão do movimento, coloca-se também um conceito correspondente de espaço e tempo. Weizsäcker (1968, p. 61) assim se referiu a ele:

O maior equívoco foi a equiparação do tempo vivido com aquele visto do ponto de vista da física (...) Simplesmente assumiu-se que a estrutura no sujeito seria a mesma que no objeto, e, quando não, tratar-se-ia de uma organização deturpada. Veremos que a verdade radica no contrário desta compreensão.

Gostaria de ilustrar esta questão com um exemplo. Em uma aula do curso de graduação em Educação Física, uma aluna realizou um rolamento para frente sobre uma estrutura fixa acima do solo. Logo após relatou sua experiência: “momentos assustadores, sustentada pelas mãos!” O relato continha tanto sua insegurança e falta de habilidade, quanto seu medo frente à situação de estar com a cabeça como que solta no ar. Ela descreveu uma experiência de extensão da temporalidade que não coincide com o tempo medido fisicamente. Se ficarmos apenas com a descrição do biomecânico sobre a fração de segundo que corresponde ao contato com a estrutura fixa, deveríamos considerar o relato da estudante com um equívoco dos sentidos humanos?⁴

Na coincidência entre movimentar e perceber torna-se claro que também as condições de possibilidade de nossa percepção, espaço e tempo, precisam ser produzidas como intervenção que, simultaneamente, percebe e movimenta. Elas são percebidas como ações que se definem no tempo e no espaço: mais alto, mais forte, alcançar um ponto, realizar um passe.

Volto ao exemplo citado: no entendimento físico do tempo, a estudante cometera um equívoco ao utilizar a medida “segundos” para falar da duração do tempo; de sua perspectiva, ela descreve uma condição de acordo com sua experiência individual, considerando a extensão do tempo, que todos conhecemos como uma *abreviação do tempo*, algo que reafirmamos quando dizemos que “o tempo voa.”

Esta orientação exclusiva no tempo físico e linear não corresponde à temporalidade que experienciamos. Mas então por que preferimos uma interpretação física do espaço e do tempo nos esportes? Trataremos deste tema no excuro a seguir.

4.1 Excuro: O esporte como definição técnica do movimentar-se

Estou convencido de que o esporte é uma definição técnica do movimentar humano. Esta orientação limitada à valorização do número, que visa determinar o rendimento do movimento, leva a uma pseudo-objetividade deste rendimento. Fritsch e colaboradores (1982) – integrantes do Grupo de Trabalho de Frankfurt (*Frankfurter Arbeitsgruppe*), que em seu início contou também com a presença de Knut Dietrich – realizou uma análise sistêmica do esporte competitivo contemporâneo. Eles delimitaram dois componentes básicos para ele: a *sobrepunção*, geralmente medida quantitativamente⁵; a objetivação das condições sob as quais o desempenho pode ser legitimamente realizado. Em outras palavras, apenas sob condições universalizadas é possível reconhecer um desempenho esportivo.

É possível observar em uma competição esportiva algo análogo ao que acontece nos experimentos das ciências naturais. Assim como no laboratório, as condições de validade devem permanecer, em uma competição, constantes. A única variável é o desempenho esportivo, e com ele o indivíduo que lhe é portador, que por sua vez é avaliado por critérios de validade reconhecidos. É por isso que há tanta desconfiança nos esportes quanto aos instrumentos de medição. Tanto quanto possível, a medição deve ser feita por meio de instrumentos que garantam a objetividade dos resultados que, desta forma, tornam possível o estabelecimento de *rankings*. Neste tipo de procedimento, o ser humano, comparável a material de teste, é medido objetivamente.

Nesta perspectiva tecnológica, é exigida a presença de engenheiros que, trabalhando tecnologicamente, fortalecem os corpos dos atletas para que suportem mais e mais cargas. Isso tem conseqüências para as Ciências do Esporte que, no interesse de seu fortalecimento tecnológico, oferecem conhecimentos essenciais para o desenvolvimento de qualidades físicas básicas para desempenhos antes impensáveis, para movimentos antes considerados impossíveis. A Fisiologia do Esforço, a Ciência do Treinamento, as Ciências do Movimen-

to são, nesta perspectiva, teorias instrumentais que incorporam a Bio-engenharia nos seres humanos. Elas seguem o paradigma empírico-analítico e reivindicam para si o estatuto de legitimidade da Natureza que, no ser humano – como parte dela –, se torna aplicável.

Este *entendimento da Natureza*, de acordo com Kant (1956), refere-se a um estado de coisas no qual o corpo humano pode ser inteiramente subsumido. Mas com isso não se percebe que Natureza para Kant (1959) também tem um segundo significado: Natureza como contexto de objetividade teleológica. Neste sentido, a disponibilidade ilimitada da Natureza não é permitida. Kant (1957a, 1957b) formulou esta questão da seguinte forma no *Imperativo Categórico*: nunca trate os seres humanos apenas como meios, mas sempre como fins em si mesmos. Com isso se colocam os limites da disponibilidade sobre os seres humanos e sua corporalidade postos sob domínio nos processos de esportivização. A importância de uma teoria não-tecnológica do movimento fica, então, evidente.

5 O conceito dialógico de movimento: uma teoria não-mecânica do movimento (Gordijn, Tamboer)

Na concepção dialógica de movimento de Gordijn (1968)⁶ vejo uma alternativa à tradicional compreensão mecânica do movimento humano. Este conceito é também correspondente ao conceito de movimentar-se, tal como desenvolvido pelos autores já citados, Weizsäcker, Christian e Buitendijk.

A dicotomização do ser humano em *objeto do movimento* (como tema da pesquisa mecânica) e *sujeito do movimento* (como instância da ação intencional) é tomada como problema sobre o qual se deve explicitamente refletir. Como se coloca a unidade do ser movente se esta diferenciação permanece, e como se configura a relação ser humano-mundo?

Antes de apresentar o conceito de movimento dialógico, é preciso fazer alguns esclarecimentos sem os quais a discussão permanecerá incompreensível. Gordijn a desenvolve em relação, sobretudo, à Fenomenologia francesa, principalmente a Merleau Ponty (1966) e seu trabalho *Fenomenologia do espírito*. Juntamente com Gordijn, é preciso destacar a atuação de seu aluno seguidor Tamboer (1985) que, em seu trabalho de livre docência (*Habilitationsschrift*), desenvolveu o conceito dialógico de movimento considerando suas implicações filosóficas.

A questão central da reflexão fenomenológica, segundo Merleau-Ponty, é a superação do pensamento em alternativas que se excluem mutuamente. Tais alternativas, como sujeito e objeto, corpo e espírito, ser humano e mundo, são conceitualizadas por Tamboer (1985) como *desenvolvimentos secundários*. Eles dependem, por sua vez, da *unidade primordial de ser humano e mundo*, que ele chama de *relação ontológica*. A totalidade da existência humana não pode ser descrita nem pela dicotomia entre corpo e espírito, nem pela separação entre ser humano e mundo.

Eu não sou um sujeito isolado, sem mundo, mas sim nele ancorado, por meio de meu corpo, e dele faço o horizonte no qual me comunico perceptivamente com as coisas:

(...) na base de uma Natureza, com a qual estou sensivelmente em comum (*connaturalité*), quer dizer, por meio de minha corporalidade, que com o meu ser está ligada, como a criança por meio do cordão umbilical com o corpo da mãe, sou capaz, por certos olhares ao ser, de descobrir um sentido, sem perder-lhe a força constitutiva. (PILZ, 1973, p. 85).

Com o conceito de *connaturalité*, Merleau-Ponty fortalece a comunhão dos seres humanos com a Natureza, interpretada tanto como contexto quanto fim em si mesmo. Ele acentua também o caráter relacional da existência humana. Isso não se refere apenas à sua concepção de que o ser humano é um sujeito que se movimenta em seu pertencimento ao mundo, mas também ao papel dos sentidos humanos: eles não são resultado de uma produção “autônoma”, mas sim algo descoberto nas estruturas relacionais.

Apenas se limitarmos o ser humano à sua objetivação meramente somática – o que é uma premissa do trato científico que se orienta pela perspectiva empírico-analítica – a relação ser humano/mundo, proposta por Merleau-Ponty, deve ser desconsiderada, ao mesmo tempo em que se restringe o objeto de pesquisa a uma perspectiva limitada de ser humano. Tamboer (1985) chama esta perspectiva de reducionista porque ela considera a relação do ser-no-mundo de forma abstrata. Este tipo de investigação científica, como mostra a experiência, não é propriamente inútil. O conhecimento produzido nesta redução determina também as pretensões de validade das premissas das ciências naturais e o contexto no qual este conhecimento pode predicar validade.

Mas quando os fenômenos da realidade imediata forem considerados, é preciso pensar que conceitos dicotômicos como corpo e espírito, sujeito e objeto, ser humano e mundo, são desenvolvimentos secundários de uma unidade primordial e de uma estrutura relacional mutuamente determinante. O problema se refere menos ao conhecimento das pesquisas científicas empírico-analíticas, mas muito mais à sua interpretação particularmente porque se relacionam diretamente à realidade da vida humana.

Na Fenomenologia não se admite como definitiva a interpretação que separa substancialmente Pessoa/Sujeito de um lado e mundo/objeto do outro, apenas possível como desenvolvimento secundário, por sua vez dependente de uma unidade primordial. *Movimentar-se* é a forma de ação original do ser humano, por meio da qual ele se remete ao mundo, e na qual – como ação – constrói a si como sujeito e o mundo como sua contraface imaginária: “Movimentar-se é, junto com o pensar e falar, entre outras ações, uma das múltiplas formas, nas quais a unidade primeva do ser humano com o mundo se manifesta.” (TAMBOER, 1979, p. 16).

Esta relação entre ser humano e mundo por meio da ação é apreendida por Gordijn por meio de uma imagem. Ele utiliza a metáfora do diálogo para delimitar a especificidade desta relação entre ser humano e mundo. A estrutura relacional entre ser humano e mundo, vista por meio de um diálogo, realiza-se na forma de um jogo de perguntas e respostas. Na ação de movimento o mundo e as coisas são questionados pelo sujeito/ator do movimento que, por sua vez, responde ao mundo com sua presença. Movimentar-se significa também se relacionar intencionalmente com o mundo, ou seja, estar relacionado internamente a ele.

Intencionalidade, para a Fenomenologia, não significa apenas o movimento do ser humano na direção de um objeto, mas também um movimento pré-consciente e pré-razional, tal como pode ser observado em organismos biológicos: um sinal de vitalidade. Neste sentido, pode-se falar em um fluxo de intencionalidade no movimento humano, do mundo para o ator do movimento e vice-versa. O mundo seguro das coisas das definições físicas perde sua identidade e passividade no ato de movimentar. Esta é uma consequência de considerarmos o conceito de movimento dialógico.

Segundo Gordijn, aquele que se movimenta experiencia um *significado motriz*. Neste conceito, os significados subjetivos (intencionais) e objetivos (percebidos no mundo) se inter-relacionam orga-

nicamente. O significado motriz não é apenas a produção de sentidos, nem tampouco somente o resultado de qualidades intrínsecas ao objeto experienciadas pelo sujeito, mas sim uma inter-relação e mútua determinação complementar de ambas perspectivas. Ambas permanecem em ligação coincidente.

Movimentar-se significa, para Gordijn, a atualização dos significados motrizes em situações concretas e a eles corresponder nos termos das possibilidades individuais de movimento. A tarefa da aula de movimento é, segundo Gordijn, elaborar situações de movimento – na forma de arranjos materiais – e com isso desenvolver as propostas que contêm significados de movimento e que sejam adequadas à individualidade de cada aluno. Os alunos são assim instados, uma vez confrontados com os vários significados de movimento, a responder de diferenciadas formas, com movimentos-respostas.

A orientação comum e dominante dos esportes é de oferecer respostas concretas na forma de movimentos prontos e acabados. No lugar disso, Gordijn propõe a mediação pedagógica pela *intenção de movimento*. A intervenção do professor não se coloca como um modelo a ser seguido – como é comum, por exemplo, na Ginástica Artística – mas como uma conversão em do significado motriz em cada forma específica de movimento. O sentido das aulas de ginástica não está tanto em assegurar determinadas formas acabadas de movimento, mas auxiliar os alunos a alcançarem os significados dos movimentos que realizam; além disso, o sentido do ensino nestas aulas está relacionado à transformação destes movimentos em novas formas que individualmente possam ser desenvolvidas.

Dois perguntas se colocam: o conceito dialógico de movimento é a única forma possível de compreensão do movimentar humano e de ensiná-lo com compromisso pedagógico? Como se relaciona ele no campo das Ciências do Esporte, no qual é dominante o conceito mecanicista de movimento?

Para respondê-las, é preciso se remeter a Tamboer (1985) que analisou diferentes perspectivas científicas de ser humano e corpo. Ele analisou as diferentes metáforas que se relacionam ao corpo humano: máquina, relógio, cárcere da alma, computador, entre outras. Para classificar estas metáforas, ele desenvolveu uma tipologia de imagens de ser humano que procura superar a dicotomia sujeito/objeto:

- a) Figurações do ser humano que são *substanciais*, quer dizer, que conceituam o ser humano ou seu corpo como entidade isolada, contida por um invólucro, a pele. Esta tipologia da imagem de corpo corresponde especialmente ao paradigma empírico-analítico de pesquisa.
- b) Figurações do ser humano que são *relacionais*: o corpo não é uma entidade isolada, que pode estar ligada a outras, também isoladas, que lhe são externas. O ponto de partida é uma condição relacional inerente ao corpo, que se torna clara, por exemplo, no conceito de *corps sujet*, de Merleau-Ponty. As reflexões de Weizsäcker, Christian e Buytendijk correspondem a esta condição relacional.

Para Tamboer (1985) uma abordagem relacional ganha importância na medida em que se coloca na dimensão contrária de uma imagem dualista de ser humano. A isso se relaciona a compreensão da aproximação do ser corpóreo ao mundo, que pode ser determinada como reconhecimento e realização de significados. A metáfora que corresponde à imagem do corpo relacional é a da rede no plano macro e a do diálogo neste plano. Algo que me perturba, no entanto, é que também este olhar unificador permanece relativo.

Para Tamboer (1985.), as duas expressões tipológicas são manifestações da diversidade na unidade – um conceito fundamental de Merleau-Ponty. Ambas se complementam e fundamentam *uma relação ontológica, profundamente inseparável*. Não se pode passar por cima, no entanto, do fato de que a imagem substancial se coloca, em princípio, na direção contrária de uma inter-relação com sua correspondente relacional. Destaco aqui as já citadas coordenação das condições de possibilidade (substância) e coincidência (relação), proposta por Weizsäcker, e a consciência de valores (relacional) em contrapartida à organização mecânica, de Christian.

A pergunta que permanece em aberto é como esta complementaridade se torna prática. Ela tem sucesso, diz Weizsäcker (1968), na medida em que se explore os limites da Fisiologia e da Anatomia para que possam de fato dizer algo sobre o ser vivente. Estas disciplinas precisam, no entanto, ser entendidas em suas condições de possibilidade para o esclarecimento, e não como absolutas.

Trago aqui um exemplo do treinamento de alto rendimento. Frank Hesel (1988), treinador nacional de atletismo na modalidade de 110 metros

com barreiras, articulou os conceitos de movimento substancial e relacional. Ele se refere ao seguinte conteúdo: se fosse possível reduzir o contato com o solo logo após a transposição da barreira em três centésimos de segundo, então seria possível, em dez barreiras, uma diminuição do tempo total correspondente a três décimos de segundo. Isso correspondia a uma diferença entre o quadragésimo e o décimo atleta do *ranking* mundial do ano de 1988.

Se por um lado o treinador precisa oferecer aos seus atletas as suas impressões sobre os movimentos que eles realizam – o contato com o solo entre eles – é necessário também capacitá-los para que executem os movimentos tecnicamente cada vez melhor. Para isso, os resultados de uma análise mecânica não se combinam, imediatamente, com o olhar do observador externo, o treinador: “Nós cometemos uma violência contra os atletas, se passamos nossas impressões a eles enquanto realizam suas corridas.” (HESEL, 1988, p. 21).

Os atletas, por sua vez, precisam de informações objetivas sobre o contato com o solo, mas também mudar seus próprios movimentos:

Eu espero dos atletas soluções individuais para problemas que são comuns, para que corram os 110 metros com barreiras (...) de forma mais rápida. Eu apoio os atletas para encontrarem a solução adequada. Neste processo, promovo situações nas quais eles possam encontrar as soluções. (HESEL, 1988, p. 22).

Em aparatos eletrônicos que simulam os movimentos de competição, os atletas podem ter uma resposta exata do tempo de contato com o solo. Sua tarefa não é outra, senão a de diminuir o tempo de contato. Isso é tentado, primeiramente, sob condições mais fáceis do que as encontradas nas competições. Uma vez que o objetivo, sob estas condições, é alcançado, o treinador solicita que os atletas se concentrem na sensação do movimento, que corresponde a um tempo menor de contato com o solo. Isso leva os atletas a um movimento mais eficaz, que se torna estável e conscientemente reproduzível.

O que Hensel (1988) faz é uma articulação entre uma abordagem substantiva do movimento – que exige o controle do tempo e o uso de aparatos eletrônicos – e outra relacional, o que fortalece a tese da mútua determinação. Mas permanece a pergunta: seria ela universal?

A relevância desta perspectiva para o esporte de rendimento é singular. Trata-se aqui de um problema de transpor as *grandes limites*. Onde se localizam os complementos mutuamente determinantes também para os movimentos que não são do esporte de rendimento? Tamboer (1994) chamou a atenção para uma forma de superação das fronteiras, que pode ser muito significativa, que é a das *pequenas transposições de limites*. Pessoas doentes, cujos organismos estão muito fracos, podem se valer, com grande importância, destas pequenas transposições. A superação destas pequenas fronteiras é muito importante, ainda que não suficiente para a construção plena do movimentar-se autônomo. Se considerarmos esta complementaridade, estão, então, colocadas, pelo menos, as possibilidades de generalização da mútua determinação entre as figurações relacional e substancial do movimento humano.

Notas

- 1 Tradução do original em Alemão de Alexandre Fernandez Vaz.
- 2 Gordijn não se refere explicitamente a este trabalho de Weizsäcker, mas é provável que tenha tomado dessas questões por meio da leitura de Buytendijk. A relação entre ambos ficará mais clara no transcorrer deste trabalho.
- 3 Isso não significa uma rejeição da ciência em si, como aquela com a qual se relaciona a medicina tradicional, a exemplo da Fisiologia e da Anatomia. Ele entende esta aproximação como necessária e legítima. Em relação aos organismos vivos, no entanto, estes conceitos não são capazes de descrever o *biológico* de forma plena, mas sim suas condições de possibilidade. Eles oferecem *condições de possibilidade*. Como aparatos para o organismo e seu funcionamento, por assim dizer, abrem um espectro de possibilidades de comportamentos que podem ser realizados singularmente.
- 4 Buytendijk (1956, p. 43) alude a esta questão levantando conceitos como tempo e espaço vitais: “Para a compreensão de nossos movimentos como *autônomos*, como realização da capacidade de se movimentar, é fundamental a sensibilidade do tempo e do espaço neles envolvidos”.

- 5 Peters (1927, p. 90) a ela assim se referiu: “Superação de um desempenho pelo outro! É este o momento culminante deste mundo...!” Também Horkheimer e Adorno (1981, p. 329): “Os recordes, nos quais os esportes encontram sua realização, proclamam o evidente direito dos mais fortes, que emerge tão obviamente da concorrência porque ela cada vez mais os domina. No triunfo de tal espírito prático, longe das necessidades de manutenção da vida, o esporte se torna uma pseudopraxis na qual os praticantes não podem agir por si mesmos, mas mais uma vez se transformam em objetos, o que, na verdade, já são. Em sua literalidade sem brilho, destinada a uma gravidade [seriedade] brutal, que entorpece cada gesto do jogo, torna-se o esporte o reflexo sem cor da vida endurecida e indiferente. Só em casos extremos, que deformam a si mesmos, o esporte mantém o prazer do movimento, a procura pela libertação do corpo, a suspensão das finalidades.”
- 6 Também Gordijn (1975) e Tamboer (1979, 1985, 1994).

Referências

- BUYTENDIJK, Frederik J.J. *Allgemeine Theorie der menschlichen Haltung und Bewegung: – als Verbindung und Gegenüberstellung von physiologischer und psychologischer Betrachtungsweise*. Berlin, [s.n.], 1956.
- BUYTENDIJK, F. J. J.; CHRISTIAN, P.; PLÜGGE, H. (Org.). *Über die menschliche Bewegung als Einheit von Natur und Geist*. Schorndorf: [s.n.], 1963.
- ENNENBACH, Wilfried. *Bild und Mitbewegung*. 2 ed. Köln: [s.n.], 1991.
- FRANKFURTER ARBEITSGRUPPE. *Offener Sportunterricht analysieren und planen*. Reinbek: [s.n.], 1982.
- GORDIJN, C.C.F. *Inleiding tot het bewegingsonderwijs*. Baarn: [s.n.], 1968
- GORDIJN, et. al. *Wat beweegt ons*. Baarn: [s.n.], 1975.
- HENSEL, Frank. Bewegungen empfinden und Lösungen suchen. *Sportpsychologie*, [s.l.], v. 2, p. 20–24, 1988
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialektik der Aufklärung: philosophische fragmente*. Frankfurt: [s.n.], 1981.
- KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*. Hamburg: [s.n.], 1956.
- _____. *Kritik der praktischen Vernunft*. Hamburg: [s.n.], 1957a.
- _____. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. Hamburg: [s.n.], 1957b.

- KANT, Immanue. *Kritik der Urteilkraft*. Hamburg: [s.n.], 1959.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phänomenologie der Wahrnehmung*. Berlin: [s.n.], 1966.
- PETERS, Alfred. *Psychologie des Sports: seine konfrontation mit Spiel und Kampf*. Leipzig: [s.n.], 1927.
- PILZ, Gunter. *Merleau-Ponty*. Ontologie und Wissenschaftskritik. Bonn: [s.n.], 1973.
- SCHELER, Max. *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik*. neuer versuch einer grundlegung eines ethischen Personalismus. 4 ed, Bern: [s.n.], 1954.
- TAMBOER, J.W.I. Sich-Bewegen – ein Dialog zwischen mensch und welt. *Sportpädagogik*: [s.n.], n. 3, v. 2, s. 60–65, 1979, _____ . *Mensbeelden aachter Bewegingsbeelden*. Kinantropologische analyses vanuit het perspektief von lichamelijke opvoeding. Haarlem: [s.n.], 1985. _____ . *Philosophie der Bewegungswissenschaften*. Butzbach: [s.n.], 1994.
- WEIZSÄCKER, Viktor. *Der Gestaltkreis*. Theorie der Einheit von Wahrnehmen und Bewegen. 4 ed. Stuttgart, New York: [s.n.], 1968.

The Dialogical Conception and a Human Movement Theory

Abstract

This paper aims to discuss the relationship between human movement and perception, and its implications for a dialogical concept of Pedagogy. With that in mind, it introduces some authors that from the standpoint of Biology developed their conceptions of human movement as a critique of those of traditional Mechanics. Lastly, it debates the premises and development of a human movement conception, taking into account the contributions of Phenomenology and valuing the mutual determination between substantial and relational images of human movement.

Keywords: Movement; Movement education

La concepción dialogica y una teoría para el movimiento

Resumen

El trabajo tiene como objetivo discutir el carácter indisoluble del moverse y del percibir, y sus implicaciones para un concepto e una Pedagogía orientada dialógica del movimiento humano. Para esto, presenta algunas perspectivas de autores que, desde un punto de vista de la Biología, se contraponen a concepciones de movimiento de la mecánica tradicional. Después de esto, debate las premisas y los desarrollos de una concepción dialógica para el movimiento humano, observando las contribuciones de la Fenomenología, y destacando la determinación común entre las imágenes relacionales e substanciales del movimiento humano.

Palabras claves: Movimiento Educación del movimiento